

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACIC
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

JOÃO VICTOR DAVID PEREIRA

**ÍNDICE DE BASILEIA: uma análise das cinco maiores instituições financeiras
nacionais pós-pandemia COVID-19**

**UBERLÂNDIA
OUTUBRO DE 2024**

JOÃO VICTOR DAVID PEREIRA

ÍNDICE DE BASILEIA: uma análise das cinco maiores instituições financeiras nacionais pós-pandemia COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Graciela Dias Coelho
Jones**

**UBERLÂNDIA
OUTUBRO DE 2024**

JOÃO VICTOR DAVID PEREIRA

Índice de Basileia: uma análise das cinco maiores instituições financeiras nacionais pós-pandemia COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia.

Banca de Avaliação:

Prof^ª. Dr^ª. Graciela Dias Coelho Jones – UFU
Orientadora

Prof Ms. XXXXX – UFU
Membro

Prof Esp. XXXXX – UFU
Membro

Uberlândia (MG), 04 de outubro de 2024

AGRADECIMENTOS

Ao fechar este importante capítulo da minha vida, a conclusão do meu trabalho acadêmico final, sinto-me apto a expressar minha mais profunda gratidão a todos que foram essenciais nesta jornada. Minha família, minha fortaleza, obrigado pelo amor incondicional e apoio constante. Vocês foram a luz nos momentos mais desafiadores, e cada conquista minha também é de vocês.

Aos meus colegas, dentro e fora da universidade, vocês enriqueceram minha experiência com amizade, colaboração e momentos inesquecíveis de aprendizado conjunto. Sou grato por cada risada, cada debate e cada conselho trocado.

Aos professores, verdadeiras fontes de inspiração, obrigado por me ensinarem muito mais do que conteúdos acadêmicos; por me prepararem para a vida. A dedicação exercida em cada aula moldou não apenas minha carreira, mas quem sou como pessoa.

Às maravilhosas pessoas do mercado de trabalho que me acolheram e orientaram, meu sincero agradecimento. Vocês permitiram que eu transformasse teoria em prática, contribuindo imensamente para o meu crescimento profissional.

E, finalmente, agradeço a Deus, por sua orientação e proteção constantes em cada passo deste caminho.

Esta jornada foi repleta de desafios, aprendizados e momentos de pura alegria. Sem cada um de vocês, ela não teria sido a mesma. Por isso, do fundo do coração, obrigado.

RESUMO

Ao estudar as principais instituições financeiras do Brasil, levando em consideração sua importância social e distribuição de crédito, a presente pesquisa objetivou analisar a recuperação e/ou retorno à normalidade do Índice de Basileia e do risco de crédito dessas instituições. A pesquisa se deu a partir de uma análise comparativa entre as demonstrações contábeis reportadas anualmente no período pós-pandemia, que compreende os anos de 2021 a 2023, pelas cinco maiores instituições financeiras do país. Com esse propósito, foram extraídos os relatórios financeiros anuais reportados por cada instituição analisada (Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Itaú e Santander). Conclui-se que o indicador de todas as instituições sofreu quedas no período analisado, e apenas o Itaú conseguiu reverter essa queda, em 2023. Tais quedas são justificadas principalmente pelo aumento na concessão de crédito no período analisado, acarretando uma expansão na carteira de crédito e, conseqüentemente um aumento do risco de crédito. As maiores variações do Índice de Basileia foram vistas nas instituições públicas Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, enquanto as instituições privadas possuíram volatilidades controladas. Infere-se que, mesmo com as quedas observadas, os índices de todas as instituições ficaram acima do capital mínimo requerido pelo Banco Central do Brasil (BCB).

Palavras-chaves: Índice de Basileia. Pandemia. COVID-19. Instituições financeiras. Crédito.

ABSTRACT

From the perspective of Brazil's major financial institutions, considering their social importance and credit distribution, this research aims to analyze the recovery and/or return to normalcy of the Basel Index and credit risk. The research was developed through a comparative analysis of the financial statements reported annually during the post-pandemic period, covering the years 2021 to 2023, by the five largest financial institutions in the country. To this end, the annual financial reports from 2021 to 2023 of the analyzed institutions (Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Itaú, and Santander) were examined. The findings indicate that the index of all institutions experienced declines during the analyzed period, and only Itaú managed to reverse it, in 2023. These declines are primarily attributed to the increase in credit issuance during the period, which led to an expansion in credit portfolios and to a rise in credit risk. The largest variations of Basel Index were observed in the public institutions, Banco do Brasil and Caixa Econômica Federal, while the private institutions displayed controlled volatility. It is inferred that, despite the observed declines, the indices of all institutions remained above the minimum capital requirements set by the Central Bank of Brazil.

Keywords: Basel III Ratio. Pandemic. COVID-19. Financial institutions. Credit.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Índice de Basileia e suas variações anuais	12
Tabela 2 - Composição anual Índice de Basileia Banco do Brasil em 2020 e 2021	13
Tabela 3 - Composição anual Índice de Basileia Banco do Brasil em 2021 e 2022.	14
Tabela 4 - Composição anual Índice de Basileia Banco do Brasil em 2022 e 2023.	15
Tabela 5 - Composição anual Índice de Basileia Bradesco em 2020 e 2021.	16
Tabela 6 - Composição anual Índice de Basileia Bradesco em 2021 e 2022.	17
Tabela 7 - Composição anual Índice de Basileia Bradesco em 2022 e 2023.	18
Tabela 8 - Composição anual Índice de Basileia Caixa Econômica Federal em 2020 e 2021.	19
Tabela 9 - Composição anual Índice de Basileia Caixa Econômica Federal em 2021 e 2022.	20
Tabela 10 - Composição anual Índice de Basileia Caixa Econômica Federal em 2022 e 2023	20
Tabela 11 - Composição anual Índice de Basileia Itaú em 2020 e 2021	22
Tabela 12 - Composição anual Índice de Basileia Itaú em 2021 e 2022.	23
Tabela 13 - Composição anual Índice de Basileia Itaú em 2022 e 2023.	24
Tabela 14 - Composição anual Índice de Basileia Santander em 2020 e 2021	25
Tabela 15 - Composição anual Índice de Basileia Santander em 2021 e 2022.	26
Tabela 16 - Composição anual Índice de Basileia Santander em 2022 e 2023.	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO	3
2.1 Sistema Financeiro Nacional.....	3
2.2 Intermediação Financeira	4
2.3 Requisitos de Capital.....	4
2.4 Níveis de Risco.....	5
2.5 Regulação Financeira	6
2.6 Índice de Basileia	7
2.6.1 Índices de Basileia I e II.....	7
2.6.2 Índice de Basileia III	8
2.6.3 Índice de Basileia III e os Bancos Nacionais	8
3 METODOLOGIA.....	9
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	11
4.1 Banco do Brasil	13
4.2 Bradesco.....	16
4.3 Caixa Econômica Federal	19
4.4 Itaú	21
4.5 Santander.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, a China testemunhou o início daquilo que, em poucos meses, se tornaria a pandemia de COVID-19. Este evento resultou no isolamento social em todo o mundo, com o objetivo de reduzir a taxa de transmissão do vírus, além de causar uma crise econômica global devido à paralisação da produção, à queda na demanda por produtos e serviços e ao colapso do sistema de crédito. Tais ações tiveram um impacto considerável nas economias globais e, conseqüentemente, afetaram as instituições financeiras e bancárias em escala mundial (Silber, 2020).

As instituições financeiras desempenharam um papel crucial durante a pandemia, enfrentando desafios sem precedentes. Os bancos tiveram que se adaptar rapidamente às mudanças nas condições econômicas, implementar medidas de alívio financeiro para indivíduos e empresas afetados e lidar com a volatilidade dos mercados financeiros. No Brasil, as instituições financeiras, coordenadas pelo Banco Central do Brasil (BCB), implementaram políticas de estímulo econômico e medidas de flexibilização quantitativa para sustentar a economia durante esse período desafiador, com o intuito de manter a estabilidade econômica e financeira do país (Calvo, 2021).

Um dos principais instrumentos que os reguladores financeiros usam para promover a estabilidade financeira é o Índice de Basileia. O índice teve início na cidade Suíça de Basileia onde, sob supervisão bancária, um comitê composto por reguladores financeiros de vários países desenvolveu as primeiras diretrizes em 1988, conhecidas como Acordo de Basileia. O índice é um conjunto de regras e regulamentações bancárias internacionais que estabelecem os requisitos mínimos de capital que as instituições financeiras devem manter em relação aos seus ativos ponderados pelo risco. No entanto, durante crises financeiras ou recessões, os reguladores podem aumentar os requisitos de capital para garantir que as instituições financeiras estejam preparadas para enfrentar tempos difíceis (Assaf Neto, 2021).

O estudo de Montaut (2021) investigou os impactos da crise econômica advinda da COVID-19 sobre o Índice de Basileia dos cinco principais bancos nacionais e buscou, por meio de uma análise comparativa das demonstrações financeiras consolidadas de seus conglomerados prudenciais assim como de outros documentos financeiros, as principais causas de possíveis variações no índice. Os documentos financeiros dos principais bancos nacionais do segundo semestre de 2019 e primeiro e segundo semestres de 2020 serviram como fonte primária de pesquisa de Montaut. Foi observado um aumento no risco de crédito no primeiro

semestre de 2020, que fez com que o Índice de Basileia de 80% das empresas analisadas diminuísse. Infere-se que a crise econômica da COVID-19 foi a principal razão desse aumento no risco de crédito. No segundo semestre de 2020, o risco de crédito permaneceu elevado, entretanto, foi observado um aumento no patrimônio de referência, o que contribuiu para um aumento no Índice de Basileia de 80% das instituições analisadas. Constatou-se que o índice de Basileia das instituições financeiras sofreu um impacto com a crise econômica, porém, as instituições analisadas mantiveram seus índices em patamares confortáveis, distantes do limite definido pelo BCB.

Tomando como base, o estudo de Montaut (2021), a presente pesquisa objetivou analisar a recuperação e/ou retorno à normalidade do Índice de Basileia e do risco de crédito das cinco maiores instituições financeiras brasileiras, a partir de uma análise comparativa entre as demonstrações contábeis reportadas anualmente por essas instituições no período pós-pandemia, que compreende os anos de 2021 a 2023. Desta forma, as instituições financeiras analisadas na presente pesquisa foram o Banco do Brasil, o Bradesco, a Caixa Econômica Federal, o Itaú e o Santander.

Além disso, a partir do cenário descrito, o presente estudo norteou-se por uma questão problema: como tem sido a recuperação e/ou retorno à normalidade do Índice de Basileia e também do risco de crédito das cinco maiores instituições financeiras do país após o período pandêmico? Ainda, como a pandemia de COVID-19 afetou profundamente os mercados financeiros e a economia, desencadeando respostas regulatórias significativas em todo o mundo, a análise proposta por este estudo se justificou, pois, este levantamento pode contribuir com informações relevantes para o contexto financeiro do país pós-pandemia.

Para cumprir tais objetivos e discutir a questão problema, esta pesquisa foi dividida em três capítulos pós introdução: o primeiro capítulo apresenta o referencial teórico que embasa este estudo, o segundo capítulo discorre sobre como a pesquisa foi desenvolvida. A análise entre as demonstrações de 2021 a 2023 é feita no terceiro capítulo. Por fim, em Considerações Finais são expostas conclusões a partir das análises.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de embasar as discussões propostas por este estudo, este capítulo expõe as teorias que explicitam o contexto econômico brasileiro antes e depois da pandemia de COVID-19, bem como os conceitos necessários para compreensão das análises que virão à frente.

2.1 Sistema Financeiro Nacional

O Sistema Financeiro Nacional (SFN) do Brasil é uma estrutura complexa e interconectada que abrange diversas instituições e regulamentações destinadas a gerenciar a circulação de recursos financeiros na economia do país. Desempenhando um papel crucial, o BCB atua como regulador principal, supervisionando e fiscalizando o sistema financeiro e controlando a política monetária. Segundo a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA, 2018), instituições financeiras como bancos comerciais, bancos de investimento, cooperativas de crédito, e sociedades de crédito, financiamento e investimento atuam como intermediárias, captando recursos e fornecendo serviços financeiros, como empréstimos e investimentos.

Para Vieira (2012), o SFN é definitivamente um pilar essencial da nossa economia. Sua trajetória foi marcada por desafios e triunfos, refletindo a evolução do Brasil desde os períodos instáveis após nossa independência, até o país firmar como uma potência econômica de grande escala. Recentemente, a resistência do SFN durante as últimas crises financeiras globais tem sido evidente, como visto na crise americana de 2008.

Assim, o SFN, amparado por uma estrutura robusta de autoridades monetárias, sistemas monetários e não-monetários conduz um sistema financeiro segmentado, com o intuito de promover a estabilidade econômica do país, assim como seu desenvolvimento e a inclusão financeira. Isso faz do SFN um dos mais sólidos do mundo, com grande capacidade de adaptação a cenários de crises mundiais, sobrevivendo graças aos investimentos e implantações de inovações financeiras que servem como base para inspiração de diversos países ao redor do globo (Vieira, 2012).

2.2 Intermediação Financeira

A intermediação financeira é um conceito fundamental no mundo das finanças e no funcionamento dos sistemas financeiros. Refere-se ao processo pelo qual as instituições financeiras como bancos, seguradoras e corretoras de valores atuam como intermediárias entre aqueles que têm recursos financeiros excedentes (agentes superavitários) e aqueles que precisam de financiamento (agentes deficitários). Em outras palavras, a intermediação financeira desempenha um papel crucial na alocação eficiente de recursos financeiros na economia (Banco Central do Brasil, 2023).

A intermediação financeira é um pilar central da economia moderna, permitindo a alocação eficiente de recursos financeiros e desempenhando um papel fundamental na estabilidade e no funcionamento dos sistemas financeiros em todo o mundo. Ela é uma parte essencial do sistema financeiro global e nacional, que conecta aqueles que têm dinheiro com aqueles que precisam dele para financiar projetos, consumir bens e serviços ou realizar investimentos. Cabe salientar que para que ocorra essas trocas financeiras entre agentes é preciso que as instituições sejam sólidas e que consigam minimizar seus riscos (Banco Central do Brasil, 2023).

2.3 Requisitos de Capital

O Índice de Basileia estabelece requisitos de capital para os bancos com base nos níveis de risco associados aos ativos e às atividades bancárias. O objetivo é garantir que as instituições financeiras tenham capital adequado para absorver perdas potenciais e manter a estabilidade financeira. Os requisitos de capital são expressos como uma porcentagem dos ativos ponderados pelo risco de um banco (Manduca *et al.*, 2013).

Ainda de acordo com Manduca *et al.* (2013), os requisitos de capital são definidos em três principais níveis:

- Capital Nível 1: é o capital de maior qualidade e consiste principalmente em ações ordinárias e reservas acumuladas. Ele é capaz de absorver perdas sem a necessidade de liquidação da instituição e é considerado o mais seguro. O requisito mínimo de capital de Nível 1 é geralmente estabelecido em uma porcentagem dos ativos ponderados pelo risco.

- Capital Nível 2: inclui outros tipos de dívida subordinada e instrumentos financeiros que podem ser usados para absorver perdas. É considerado menos seguro que o capital de Nível 1. O requisito de capital de Nível 2 também é definido como uma porcentagem dos ativos ponderados pelo risco.
- Capital Nível 3: é uma categoria opcional de capital que foi introduzida no Acordo de Basileia III para cobrir riscos de mercado específicos relacionados a posições de negociação. Instituições financeiras podem optar por utilizar essa categoria para atender a requisitos de capital específicos.

2.4 Níveis de Risco

Os níveis de risco desempenham um papel crucial no cálculo dos ativos que os bancos devem manter em reserva, e esses níveis dependem dos tipos de ativos que os bancos possuem e das atividades que realizam. Os ativos ponderados pelo risco são uma representação do nível de risco associado a esses ativos específicos. Na supervisão bancária é imperativo estabelecer diretrizes para reduzir e controlar esses riscos, garantindo que sejam devidamente monitorados pelas áreas responsáveis (Araújo, 2018). De acordo com Zonatto (2010), os níveis de riscos são classificados das seguintes maneiras:

- Risco de Crédito: este nível de risco é diretamente ligado à probabilidade de inadimplência envolvendo uma operação de crédito.
- Risco de Mercado: este nível de risco diz respeito às exposições financeiras resultantes dos investimentos efetuados pela empresa. A ponderação é baseada na reação dos ativos às variações nas condições de mercado.
- Risco Operacional: o risco operacional está relacionado a sistemas de tecnologia da informação, recursos humanos e processos. O ambiente interno da empresa é o responsável por envolver todo esse risco.
- Risco de Liquidez: o risco de liquidez se concentra na capacidade de um banco de atender às suas obrigações de pagamento. Tal risco deve ser rigorosamente gerenciado, podendo levar a instituição à insolvência.
- Risco Legal: o risco legal está relacionado a questões jurídicas, referindo-se à probabilidade de um banco enfrentar consequências negativas, devido a problemas legais ou questões relacionadas ao cumprimento das leis e regulamento.

- Risco de Imagem: o risco de imagem refere-se à possibilidade de danos à reputação de um banco devido a ações, eventos ou circunstâncias negativas que afetam a percepção pública.
- Riscos Estratégicos: os riscos estratégicos estão associados a decisões e ações de alto nível dentro da organização. Esses riscos afetam a capacidade de uma organização de atingir seus objetivos estratégicos e metas de longo prazo.

2.5 Regulação Financeira

A crise de 2008 gerou muitas controvérsias a respeito da regulação bancária no mundo e, segundo Montaut (2021, p. 13), “com a crise do subprime ocorrida em 2008, viu-se a necessidade de aprimorar o Acordo de Basileia II, dando origem em 2010 ao Acordo de Basileia III”. Após a crise de 2008, se fez jus a implementação de regulações financeiras para evitar novos colapsos de sistemas bancários, resultando na evolução do sistema financeiro com constantes atualizações, visto que as mesmas precisam acompanhar esse desenvolver para mitigar os riscos inerentes ao setor bancário. (Assaf Neto, 2021)

A regulação bancária no Brasil é bastante abrangente e é supervisionada por várias entidades reguladoras e fiscalizadoras. O BCB é a principal autoridade reguladora do sistema financeiro no Brasil. Ele é responsável por emitir regulamentos, supervisionar as atividades das instituições financeiras, garantir a estabilidade financeira e implementar políticas monetárias. O BCB define os requisitos de capital, limites de exposição, regras de governança corporativa e outros regulamentos que as instituições financeiras devem cumprir (Brito, 2020).

O ambiente regulatório bancário no Brasil é projetado para garantir a segurança e a solidez do sistema financeiro, bem como a proteção dos interesses dos depositantes e investidores. Ele também promove a transparência, a governança corporativa e a estabilidade financeira. No entanto, as regulamentações podem mudar ao longo do tempo em resposta às necessidades do mercado e à evolução das condições econômicas e financeiras, sendo necessário que as instituições financeiras e participantes do mercado estejam sempre atualizados com as regulamentações em vigor (ANBIMA, 2010).

2.6 Índice de Basileia

O Índice de Basileia é uma métrica fundamental no contexto bancário que mede a solidez financeira das instituições. Ele desempenha um papel crucial na avaliação do risco sistêmico e na proteção dos depositantes, investidores e a economia como um todo. Neste sentido, Amaral (2023) afirma que a supervisão bancária desempenha um papel crucial na regulamentação das operações do setor e na mitigação de riscos sistêmicos, promovendo a confiança nos participantes envolvidos.

Esse Índice é representado por meio da divisão do Patrimônio de Referência, que é calculado por meio da soma do Capital de Nível I dividido pelas parcelas de risco de crédito, risco de mercado e risco operacional.

2.6.1 Índices de Basileia I e II

O Índice de Basileia I é um indicador regulatório essencial no setor bancário, projetado para garantir a estabilidade financeira e a solidez das instituições bancárias. Conforme já mencionado, o índice define os requisitos mínimos de capital que as instituições financeiras devem manter em relação aos seus ativos ponderados pelo risco (ANBIMA, 2010).

Em 2004, foi introduzido o Índice de Basileia II para abordar as deficiências percebidas no primeiro índice. Este segundo acordo foi mais abrangente e sofisticado, reconhecendo que diferentes tipos de ativos representavam diferentes níveis de risco. O segundo índice dividia o capital regulatório em três pilares: Requisitos Mínimos de Capital, Supervisão e Avaliação Interna e Disciplina de Mercado (ANBIMA, 2010). Entretanto, após a crise de 2008, com a queda do banco Lehman Brothers, se torna evidente que os requisitos de capital do Basileia II não eram suficientes para lidar com choques financeiros externos. Assim, este evento resultou em chamados para reformas adicionais, impulsionando o desenvolvimento do Acordo de Basileia III (Assaf Neto, 2021).

De acordo com Coimbra (2007), uma das mais importantes mudanças advindas no Basileia II foi a introdução do risco operacional nos requerimentos mínimos de capital. Além disso, Jorion (1997) infere que riscos operacionais são as possíveis perdas causadas por sistemas deficientes, gestão inadequada, controles falhos ou erros humanos, abrangendo fraudes e problemas tecnológicos.

2.6.2 Índice de Basileia III

O Índice de Basileia III é um conjunto de regulamentações bancárias internacionais implementado em resposta à crise financeira de 2007 e 2008, com a quebra do Banco Lehman Brothers. Segundo Assaf Neto (2021, p. 169), “a crise do sistema financeiro mundial de 2008 e 2009 foi uma importante sinalização para a exposição dos bancos a riscos”.

Esse índice estabelece requisitos mais rigorosos para o capital mínimo que as instituições financeiras devem manter em relação aos ativos ponderados pelo risco. Para mais, o índice introduz padrões mais rigorosos para a gestão de liquidez, limita a alavancagem, define padrões para ativos ponderados pelo risco e exige testes de estresse regulares. O objetivo do Basileia III é então fortalecer a estabilidade do sistema financeiro global. Com isso, o índice garante que os bancos tenham níveis adequados de capital e liquidez para enfrentar situações de estresse financeiro, minimizando o risco de crises bancárias e seus efeitos sistêmicos (Banco Central do Brasil, 2023).

2.6.3 Índice de Basileia III e os Bancos Nacionais

No Brasil, em outubro de 2013, a implementação do Basileia III começou a ser discutida e planejada em consonância com a adoção de regulamentos internacionais. O Basileia III promoveu uma mudança significativa ao aumentar os requisitos relativos às reservas mantidas pelos bancos, com o propósito de salvaguardar as instituições contra crises de liquidez e fortalecer suas proteções contra possíveis perdas. A versão atual do Acordo de Basileia busca tornar as instituições financeiras mais resistentes a crises econômicas, incentivando o uso de recursos próprios para apoiar suas operações e mitigar os riscos de ativos, incluindo risco de crédito e risco de mercado (Assaf Neto, 2021).

Os bancos brasileiros mantêm, em média, um Índice de Basileia acima do mínimo exigido pelo BCB. A alavancagem média dos bancos nacionais é menor do que a observada nas principais economias globais. Apesar dessa estrutura mais conservadora, é provável que os bancos brasileiros tenham que aumentar seu capital de Nível 1. Esse aumento resultaria na redução dos dividendos pagos aos acionistas, visto que a intenção é reter mais lucros. Contudo, embora essa medida aumente a segurança dos bancos com um capital mais substancial, pode levar à diminuição da rentabilidade (Assaf Neto, 2021).

3 METODOLOGIA

Conforme já citado, a presente pesquisa objetivou analisar a recuperação e/ou retorno à normalidade do Índice de Basileia e do risco de crédito das cinco maiores instituições financeiras brasileiras, a partir de uma análise comparativa entre as demonstrações contábeis reportadas anualmente no período pós-pandemia, de 2021 a 2023. Foram analisadas, portanto, as demonstrações contábeis do Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Itaú e Santander.

Levando em consideração esse objetivo, essa pesquisa foi caracterizada como uma pesquisa descritiva. Segundo Selltiz *et al.* (1975), esse método descreve uma situação ou fenômeno de acordo com um estudo realizado em determinado espaço-tempo. Sendo assim, a presente pesquisa objetivou descrever o comportamento do Índice de Basileia no período pós-pandêmico de 2021 à 2023.

A tipologia da pesquisa quanto à abordagem problema do tema caracteriza-se como qualitativa, pois, usufruiu de informações financeiras dos bancos e utilizou principalmente a análise de seus números, sem adoção de tratamentos estatísticos (Gil, 2002). Ainda, conforme Marconi e Lakatos (1982), as pesquisas quantitativas abordam o “quanto”, enquanto as qualitativas focam no “como”.

Quanto aos procedimentos técnicos de coleta e análise de dados, a análise de documentos proposta nessa pesquisa a caracterizou como uma pesquisa documental. Tais documentos são reportados pelos próprios bancos, e são encontrados em seus sites oficiais na aba RI – Relacionamento com Investidores, sendo essa a principal documentação de apoio para desenvolver da pesquisa. Para Figueiredo (2007), o documento usado como fonte de pesquisa pode ser tanto escrito quanto não escrito, como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Essas fontes fornecem informações, diretrizes e esclarecimentos que ajudam a esclarecer certas questões e servem como evidência para outras, conforme o interesse do pesquisador. Portanto, a técnica documental utiliza documentos originais e é fundamental para pesquisas em ciências sociais e humanas (Helder, 2006).

A escolha do tema no presente trabalho foi fomentada pela importância do indicador Índice de Basileia nas instituições financeiras do país, principalmente em um período de crise mundial como a Pandemia de COVID-19. O índice reflete a saúde financeira dos bancos, sendo crucial para avaliar sua capacidade de enfrentar desafios econômicos (Garcia, 2018). Analisar a variação desse índice permitiu entender como as instituições financeiras se adaptaram às condições após a COVID-19 sobre suas estratégias e sobre a resiliência do setor.

Os resultados obtidos foram explanados em forma de tabelas, sendo as mesmas construídas pelo autor, utilizando ferramentas de dados. Tais tabelas compreendem os dados financeiros com base nos referenciais teóricos acima apresentados, e também respaldado nas demonstrações financeiras das instituições que explicam tecnicamente o comportamento do Índice de Basileia no período analisado.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O Banco Central do Brasil (BACEN ou BCB), assim como maior parte dos Bancos Centrais do mundo, estipula exigências mínimas de capital próprio para que uma instituição financeira possa operar. Durante o período pandêmico o BCB, para efeitos de medidas adotadas e para fornecer liquidez ao Sistema Financeiro Nacional, fez uso de diversos instrumentos. Dentre as técnicas utilizadas, encontra-se a diminuição dos requerimentos mínimos de capital próprio, que determinam que parte dos recursos disponíveis das instituições não sejam emprestados. O Gráfico 1 mostra o capital mínimo requerido pelo BCB nos últimos 10 anos:

Gráfico 1 - Estrutura mínima de Capital Próprio exigido pelo BC nos últimos anos



Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações contidas no site do Banco Central do Brasil

Baseado no Gráfico 1, consegue-se estipular o quanto de capital mínimo os bancos devem possuir para fazerem parte do Sistema Financeiro Nacional brasileiro, vide essa exigência do BCB. É notório que o índice se mantém em patamares próximos nos últimos 10 anos, porém, destaca-se a queda em 2020, justificada pela pandemia do COVID-19, período no qual o BCB reduziu o Adicional de Conservação de Capital de 2,5% para 1,25. A redução vigorou de 1º de abril de 2020 até 31 de março de 2021, e a partir dessa data o índice majorou e voltou aos patamares normais.

A medida adotada pelo BCB contribui com a redução do capital regulatório obrigatório das instituições financeiras, fomentando assim a capacidade de conceder crédito, visto que a COVID-19 poderia afetar o Índice de Basileia dos bancos (Montaut, 2021).

Após essa interferência do BCB, aliado ao período complexo que o país e o mundo viviam naquele momento, é possível verificar como procedeu as variações desse índice no período pandêmico e pós-pandêmico. É possível inferir também se os bancos tiveram seus índices afetados ou não, e se recuperam esse indicador nos mesmos patamares antes do início da pandemia. A Tabela 1 elenca todos esses índices mostrando semestralmente as variações do índice desde o início da pandemia de COVID-19:

Tabela 1 - Índice de Basileia e suas variações anuais

ANO	BB		BRADESCO		CEF		ITAU		SANTANDER	
	Índice	Δ%	Índice	Δ%	Índice	Δ%	Índice	Δ%	Índice	Δ%
2019	18,58%	-	16,50%	-	18,96%	-	15,80%	-	15,04%	-
2020	21,14%	13,8%	15,80%	-4,2%	17,62%	-7,0%	14,50%	-8,2%	15,25%	1,4%
2021	17,76%	-15,9%	15,80%	-	19,30%	9,5%	14,70%	-1,3%	14,90%	-2,3%
2022	16,65%	-6,2%	14,80%	-6,3%	18,40%	-4,6%	15,00%	2,0%	13,90%	-6,7%
2023	15,47%	-7,0%	15,80%	6,7%	16,70%	-9,2%	17,00%	13,3%	14,50%	4,3%

Fonte: Elaborada pelo autor com as informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2019 a 2023 reportadas pelas instituições financeiras.

De acordo com a Tabela 1, todos os bancos tiveram oscilações em seus índices ao longo do período em destaque, refletindo a volatilidade e as mudanças no ambiente econômico durante e após pandemia de COVID-19.

O Banco do Brasil teve oscilações no auge da pandemia, em 2020. A instituição alcançou um Índice de Basileia 13,8% maior do que no ano de 2019, porém, após a crise, viu seu indicador sofrer uma derrocada, e nos três anos posteriores variando negativamente. Já o Bradesco conseguiu manter seu indicador nos patamares que o mesmo já reportava, não tendo grandes incidências de variações robustas.

A Caixa Econômica Federal, por sua vez, mostrou maior resiliência e até recuperação em alguns períodos, vide 2021, que reportou um índice de 19,3%, acima do que era visto antes da pandemia. Contudo, a exemplo do Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal fechou 2023 com um índice muito inferior aos períodos pré-pandêmicos. Com isso, as instituições públicas mostraram-se mais voláteis a situações atípicas de mercado.

O Itaú, por sua vez, apresentou variações menos drásticas, sendo a principal variação ainda no período pandêmico. Porém, em 2023, mostrou o porquê de ser o maior banco do país, tendo reportado um Índice Basileia 17%, maior do que no ano de 2020. Sendo 2020 considerado o ano em que a crise mais se destacou, o índice do Itaú indica uma possível estabilidade em sua gestão de risco no pós-crise. O Santander, no entanto, assim como as outras duas instituições privadas analisadas teve um comportamento intermediário, com breves oscilações e uma recuperação notável em 2023, voltando aos seus patamares pré-pandemia.

Em resumo, a Tabela 1 demonstra como o Índice de Basileia variou no início da pandemia até os dias atuais, sendo que atualmente considera-se a crise controlada. Analisar tal variação reflete como os bancos utilizaram estratégias de gestão de risco para se adaptarem ao conflitante cenário econômico.

Na sequência, é dissertado isoladamente sobre cada uma dessas instituições financeiras, contemplando as tabelas de cálculo dos indicadores quanto a sua composição.

4.1 Banco do Brasil

O Banco do Brasil foi criado em 1905 após uma crise bancária que ameaçou a falência de seu antecessor, o Banco da República do Brasil. O Tesouro Federal interveio devido à sua importância e papel como banqueiro do governo, resultando na criação do Banco do Brasil sob controle estatal. Seus estatutos permitiam ao Presidente da República nomear o presidente e quatro diretores, destacando sua vinculação com o poder público. No entanto, o banco enfrenta um dilema devido à sua natureza híbrida, combinando características empresariais privadas com funções públicas, influenciando em suas ações e trajetória (Andrade, 2009).

O Banco do Brasil antes do início da pandemia configurava como uma das instituições financeiras com maior Índice de Basileia. Porém, na contramão da redução que era esperada desse índice durante a pandemia, o banco, no auge da crise, terminou o ano de 2020 com uma variação positiva do índice em aproximadamente 17%. Contudo, observa-se que após o período pandêmico o Índice de Basileia veio se deteriorando, saindo de 21,14% no fim de 2020 para 15,47% em 2023, com queda de 5,67 pontos percentuais, conforme dados da Tabela 1.

A seguir, é apresentado na Tabela 2 as variações dos indicadores que são utilizados para compor o Índice de Basileia ocorridas entre o início e o fim da pandemia, entre os anos 2020 e 2021.

Tabela 2 - Composição anual Índice de Basileia do Banco do Brasil em 2020 e 2021.

	dez/20	dez/21
Patrimônio de Referência	161.924	165.648
Nível I	132.248	141.353
Capital Principal	104.315	111.338
Capital Complementar	27.932	30.015
Nível II	29.677	24.295
Recursos captados no FCO	26.403	23.470
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	766.065	932.461
Risco de Crédito (RWACPA)	677.256	789.739
Risco de Mercado (RWAMPA)	21.125	36.080
Risco Operacional (RWAOPA)	67.683	106.642
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	17,26	15,16
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	13,62	11,94
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	21,14	17,76

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

De acordo com o Relatório de Informações Financeiras, em 2021, a carteira de crédito do Banco do Brasil variou positivamente em 17,8% comparado ao fim do ano de 2020, majorando em todas as linhas de financiamentos, desde pessoas físicas à jurídicas, mostrando

que mesmo em um período considerado de crise o banco expandiu sua aderência ao crédito. Com isso, a provisão para Ativos Ponderados pelo Risco (RWA), utilizado no cálculo do Índice de Basileia ($IB = \text{Patrimônio de Referência} / \text{RWA}$) aumentou significativamente em aproximadamente R\$ 166 bilhões (932.461 - 766.765), enquanto o Patrimônio de Referência, variou apenas em R\$ 5 bilhões (Banco do Brasil, 2021).

Para Kleff e Weber (2008), quando os riscos das carteiras de ativos e os níveis de alavancagem financeira aumentam, os bancos optam por aumentar a quantidade de capital próprio na sua estrutura de financiamento para reduzir o risco de falência. No entanto, cabe salientar que, apesar do robusto aumento do risco de sua carteira, o capital próprio do Banco do Brasil não andou na mesma variação.

A seguir, a Tabela 3 também demonstra as variações dos indicadores do Banco do Brasil que são utilizados para compor o Índice de Basileia. Porém, essa tabela refere-se ao período considerado como o fim da pandemia, entre os anos 2021 e 2022, período em que a crise já era considerada sob controle.

Tabela 3 - Composição anual Índice de Basileia do Banco do Brasil em 2021 e 2022.

	dez/21	dez/22
Patrimônio de Referência	165.648	178.689
Nível I	141.353	158.153
Capital Principal	111.338	128.803
Capital Complementar	30.015	29.350
Nível II	24.295	20.536
Recursos captados no FCO	23.470	20.536
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	932.461	1.072.894
Risco de Crédito (RWACPA)	789.739	917.092
Risco de Mercado (RWAMPA)	36.080	26.975
Risco Operacional (RWAOPA)	106.642	128.827
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	15,16	14,74
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	11,94	12,01
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	17,76	16,65

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

No ano de 2022, conforme Tabela 3, já com a pandemia considerada controlada pelo governo, o que acarreta menor Risco de Mercado, o banco viu novamente seu Índice de Basileia decair, com uma variação negativa de aproximadamente 7% (17,76 para 16,65). Essa queda é explicada, assim como no ano de 2021, pelo aumento da carteira de crédito ampliada que chegou ao saldo de quase R\$ 1 trilhão, um aumento significativo frente ao ano anterior de R\$ 100 bilhões. De acordo com o Banco do Brasil esse aumento é consequência principalmente de operações voltadas ao agronegócio, vide os recordes de safra que o país reportou nos últimos anos, demandando muitas linhas de financiamento para esse setor (Banco do Brasil, 2022).

Apesar do aumento do patrimônio de referência do banco em 2022, resultado principalmente do lucro líquido de R\$ 21 bilhões, o banco não conseguiu andar em linhas com o risco da carteira, resultando em mais uma diminuição do Basileia da instituição (Banco do Brasil, 2022).

Abaixo, na Tabela 4, é possível analisar como se comporta o Índice de Basileia do Banco do Brasil após a recuperação mundial da pandemia no ano de 2023:

Tabela 4 - Composição anual Índice de Basileia do Banco do Brasil em 2022 e 2023.

	dez/22	dez/23
Patrimônio de Referência	178.689	174.033
Nível I	158.153	156.431
Capital Principal	128.803	136.356
Capital Complementar	29.350	20.075
Nível II	20.536	17.602
Recursos captados no FCO	20.536	17.602
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	1.072.894	1.124.754
Risco de Crédito (RWACPA)	917.092	938.287
Risco de Mercado (RWAMPA)	26.975	28.285
Risco Operacional (RWAOPA)	128.827	158.182
Índice de Cap. Nível I (Nível I / RWA) - (%)	14,74	13,91
Índice de Cap. Principal (CP / RWA) - (%)	12,01	12,12
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	16,65	15,47

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

O ano de 2023, de acordo com a Tabela 4, mostra o Índice de Basileia com tendências de queda, podendo ser justificado pelos mesmos motivos do ano anterior: aumento da carteira de crédito, com destaque para o agronegócio e pessoas jurídicas. Apesar da carteira pessoa física também ter sofrido um aumento, o aumento não foi tão significativo como nos outros dois segmentos, pelo fato da inadimplência no segmento ser mais propenso (Banco do Brasil, 2023). Mesmo com essa queda de seu índice após a pandemia, conforme explicita de Jokipii e Milne (2011) de que a maioria dos bancos escolhem manter quantidades de capital reservadas acima dos requisitos mínimos estipulados para o capital regulatório.

De acordo com a Genial Investimentos (2024), as linhas do agronegócio tiveram um aumento significativo na captação de recursos por parte de certos instrumentos financeiros, com um estoque de Letra de Crédito do Agronegócio (LCA) que cresceu de R\$ 77 bilhões em 2020 para R\$ 459 bilhões no final de 2023. Enquanto isso, a Letra de Crédito Imobiliária (LCI) saiu de R\$ 141 bilhões em 2020 para R\$ 360 bilhões em 2023. Essa ascensão do mercado financeiro ao usar essas linhas de crédito de forma mais ampla, com emissões de Certificado de Recebíveis Imobiliário (CRI) e Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA) até mesmo fora do

objetivo original desses títulos, geraram um “boom” na carteira de crédito voltado ao agro e setor imobiliário dos bancos, incluindo o Banco do Brasil, o que aumentou o risco e reduziu seu Índice de Basileia em 2023.

4.2 Bradesco

O Bradesco figura entre os principais conglomerados financeiros do Brasil. Criado por Amador Aguiar em 1943, o banco de iniciativa privada foi concebido com a visão de ser uma instituição democrática, comprometida com o progresso econômico e social do país. Inicialmente sua clientela era composta principalmente por imigrantes, agricultores, pequenos comerciantes, empresários e proprietários rurais. Com o crescimento da demanda por seus serviços, a sede do Bradesco foi transferida de Marília para a cidade de São Paulo (Sanches *et al.*, 2020).

De acordo com a Tabela 1, o Bradesco se posicionava em 2019 como o terceiro banco com maior Índice de Basileia, 16,50%, ficando atrás apenas dos bancos públicos Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil. No primeiro ano pandêmico, o banco teve uma tímida variação de seu índice, com queda de 4% na comparação entre 2019 e 2020. Conforme a Tabela 5, o banco viu seu índice se manter estável no ápice da crise até o fim de 2021, apesar do aumento significativa da carteira de crédito.

A seguir, a Tabela 5 trata como foi o comportamento do Índice de Basileia do Bradesco nos anos de 2020 e 2021:

Tabela 5 - Composição anual Índice de Basileia do Bradesco em 2020 e 2021.

	dez/20	dez/21
Patrimônio de Referência	135.724	150.236
Nível I	118.282	130.565
Capital Principal	108.982	119.107
Capital Complementar	9.300	11.459
Nível II	17.442	19.671
Dívida Subordinada (Resolução 4.192/13)	17.442	19.671
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	858.693	953.326
Risco de Crédito (RWACPA)	779.589	873.737
Risco de Mercado (RWAMPA)	64.414	71.594
Risco Operacional (RWAOPA)	14.691	7.995
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	13,8	13,7
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	12,7	12,5
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	15,8	15,8

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

A carteira de crédito expandida do banco, em 2021, cresceu em R\$ 128 bilhões com destaque para o crédito a pessoas físicas (Bradesco, 2021). De acordo com o Relatório de Economia Bancária (REB), houve um aumento expressivo de 18,2% nas concessões de crédito no Sistema Financeiro Nacional. Esse crescimento foi impulsionado principalmente pelo segmento de pessoas físicas, marcando o segundo ano consecutivo de forte expansão de crédito no SFN. O avanço da vacinação contra a COVID-19 e a recuperação da atividade econômica contribuíram para uma notável ampliação das operações de crédito para indivíduos, tanto em linhas de crédito livre quanto em linhas direcionadas (Banco Central, 2022).

A Tabela 6 a seguir, mostra o comportamento do Índice de Basileia do Bradesco em períodos de pandemia considerados controlados pelos órgãos de governo.

Tabela 6 - Composição anual Índice de Basileia do Bradesco em 2021 e 2022.

	dez/21	dez/22
Patrimônio de Referência	150.236	144.283
Nível I	130.565	120.624
Capital Principal	119.107	106.501
Capital Complementar	11.459	14.123
Nível II	19.671	23.659
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	953.326	971.611
Risco de Crédito (RWACPA)	873.737	883.428
Risco de Mercado (RWAMPA)	7.995	8.844
Risco Operacional (RWAOPA)	71.594	79.339
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	13,7	12,4
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	12,5	11,0
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	15,8	14,8

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

De acordo com a Tabela 6, o Índice de Basileia do Bradesco recuou -1,0 p.p. em 2022 em relação ao ano anterior. Apesar de se manter acima dos limites regulatórios, a redução ocorre, de acordo com a instituição, devido à alteração regulatória referente ao tratamento dos créditos tributários de prejuízos fiscais. Tais prejuízos são decorrentes de *hedge* de investimento no exterior, de maiores ajustes prudenciais e do pagamento de juros sobre o capital próprio (Bradesco, 2022).

A carteira de crédito expandida do banco, apesar do aumento em R\$ 79 bilhões no ano de 2022 (Bradesco, 2022), não foi tão expressiva quanto de outras instituições. Porém, a carteira serviu de base para o aumento do Risco de Crédito (RWA) da instituição, afetando assim seu Índice de Basileia. De acordo com o trabalho de Brito (2022), a renda proveniente das atividades de empréstimo e o lucro dos bancos diminuíram após o surgimento do coronavírus em comparação com períodos anteriores. Esse fenômeno ocorreu apesar do aumento na procura,

no montante de empréstimos concedidos e no volume total de crédito das carteiras individuais de cada banco.

A seguir, na Tabela 7, é possível analisar como se comporta o Índice de Basileia do Bradesco após a recuperação mundial da pandemia no ano de 2023:

Tabela 7 - Composição anual Índice de Basileia do Bradesco em 2022 e 2023.

	dez/22	dez/23
Patrimônio de Referência	144.283	149.969
Nível I	120.624	125.412
Capital Principal	106.501	110.182
Capital Complementar	14.123	14.723
Nível II	23.659	24.557
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	971.611	947.738
Risco de Crédito (RWACPA)	883.428	842.400
Risco de Mercado (RWAMPA)	8.844	18.957
Risco Operacional (RWAOPA)	79.339	86.381
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	12,4	13,2
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	11,0	11,7
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	14,8	15,8

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

Após 2 anos do “fim” da crise pandêmica, em 2023, o Bradesco viu seu índice voltar a patamares observados pré-pandemia. O aumento de 1,0 p.p. no Basileia (vs. Dez22) ocorreu devido à geração de lucro líquido, resultando na majoração do Índice de Nível I, em ajustes de avaliação patrimonial e na redução dos Ativos Ponderados pelo Risco (RWA), principalmente o Risco de Crédito, andando em linha com a queda da carteira de crédito em 1,6 p.p. frente ao ano de 2022. Tal risco ainda foi parcialmente compensado pelo pagamento de juros sobre o capital próprio e pelos ajustes prudenciais (Bradesco, 2023).

Segundo Bessis (2002), devido ao fato de o risco de crédito ser o principal risco enfrentado pelas instituições financeiras, os órgãos reguladores estão constantemente buscando aprimorar sua avaliação e controle. Isso envolve a quantificação do capital que os bancos devem manter. Brito (2020) reitera que uma gestão eficaz do risco de crédito é essencial para determinar os preços das operações de crédito, estabelecer limites para os clientes e auxiliar na constituição de reservas financeiras.

4.3 Caixa Econômica Federal

Durante o reinado de D. Pedro II, pessoas de diferentes classes sociais depositavam suas economias no que hoje chamamos de Caixa Econômica Federal, em busca de uma vida mais digna. A instituição criada e oficializada em janeiro de 1861 se tornou símbolo de segurança para milhares de poupadores por quase 130 anos, até que o presidente Fernando Collor de Mello confiscou os ativos financeiros da população, incluindo as cadernetas de poupança, o que afetou a confiança de milhões de brasileiros na instituição (Bergson, 2011).

Assim como o Banco do Brasil, de acordo com a Tabela 1, a Caixa Econômica Federal sempre manteve seu Índice de Basileia em níveis elevados antes da pandemia, com percentual de 18,96%. Os bancos públicos do Brasil tendem a manter níveis mais altos de liquidez do que os bancos privados. Isso pode refletir no cumprimento do papel estatal desses bancos ou em uma estratégia anticíclica para injetar liquidez na economia durante recessões, através da concessão de crédito (Vinhado e Belém, 2013). Tal fato é reiterado pelo que se observa sobre a carteira de crédito da instituição, que fechou o ano de 2019 com R\$ 694 bilhões de crédito concedidos. Já no fim de 2021, com a pandemia de COVID-19 em seus períodos finais, observou-se o montante de R\$ 868 bilhões, o que se configura como um salto de 25% e com um Índice de Basileia em 19,30%. (Caixa Econômica Federal, 2021).

Na Tabela 8 é possível analisar como se comportou o Índice de Basileia da instituição pública nos anos de 2020 e 2021:

Tabela 8 - Composição anual Índice de Basileia da Caixa Econômica Federal em 2020 e 2021.

	dez/20	dez/21
Patrimônio de Referência	101.856	120.529
Nível I	72.475	94.439
Capital Principal	70.762	95.726
Capital Complementar	1.713	1.713
Nível II	29.381	26.090
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	578.085	625.605
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	12,2	14,8
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	12,5	15,1
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	17,6	19,3

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

O ano de 2022 foi marcado pelo fim da pandemia, ou pelo fim do *lockdown* e obrigatoriedade do uso de máscaras. Com essa dispersão do vírus, a Caixa Econômica Federal viu sua carteira de crédito reportar um saldo de R\$ 1,0 trilhão, com um crescimento de 16,7%

frente ao ano de 2021, fomentada principalmente pela ascensão do agronegócio, pois a carteira no segmento majorou em 167,5% (Caixa Econômica Federal, 2022).

A Tabela 9, a seguir, mostra as variações dos indicadores utilizados para composição do Índice de Basileia da Caixa Econômica:

Tabela 9 - Composição anual Índice de Basileia da Caixa Econômica Federal em 2021 e 2022.

	dez/21	dez/22
Patrimônio de Referência	120.529	130.418
Nível I	94.439	107.658
Capital Principal	92.726	105.940
Capital Complementar	1.713	1.713
Nível II	26.090	22.765
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	625.605	708.469
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	14,8	15,0
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	15,1	15,2
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	19,3	18,4

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

A expansão da carteira de crédito fez com que os Ativos Ponderados pelo Risco (RWA) aumentassem significativamente, afetando o Basileia da Instituição, no qual caiu -1,0 p.p. no ano a ano, de acordo com a Tabela 9. Para Paula, Oreiro e Basilio (2013) é fundamental ressaltar o papel dos bancos estatais ao adotar iniciativas para impulsionar a economia durante períodos de desaceleração, oferecendo crédito quando a atividade econômica está em declínio.

A seguir, a Tabela 10 demonstra como a Caixa Econômica Federal finalizou o ano de 2023 em relação ao seu Índice de Basileia:

Tabela 10 - Composição anual Índice de Basileia da Caixa Econômica Federal em 2022 e 2023

	dez/22	dez/23
Patrimônio de Referência	130.418	126.431
Nível I	107.653	107.020
Capital Principal	105.940	105.307
Capital Complementar	1.713	1.713
Nível II	22.765	19.411
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	708.469	757.922
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	15,0	13,9
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	15,2	14,1
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	18,4	16,7

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

A Caixa Econômica Federal em 2023 viu seu Índice de Basileia atingir o menor patamar dos últimos 3 anos, observando uma queda de -1,7 p.p. em relação ao ano anterior. Observou-se também a queda no Patrimônio de Referência e aumento expressivo dos Ativos Ponderados pelo Risco (RWA), novamente ocasionada pelo saldo da carteira de crédito, que cresceu 10,6% frente a 2022, chegando à marca de R\$ 1,12 trilhão (Caixa Econômica Federal, 2023).

O agronegócio foi um elo importante na expansão da carteira de crédito da CEF, alta de 27,3% na sua carteira (Caixa Econômica Federal, 2023), que resultou no aumento do risco de crédito. Para Zuin e Queiroz (2019) é inegável a relevância do setor do agronegócio no Brasil atualmente, não apenas devido aos números robustos de produtividade, mas também pelo impacto positivo no número de empregos e na renda. No entanto, é crucial reconhecer a necessidade de reinventar o setor, promovendo a criação de novos negócios, mercados e produtos.

4.4 Itaú

No dia 27 de setembro de 1924, um armazém em Poços de Caldas (MG), conhecido pela qualidade de seu atendimento, foi autorizado pelo governo federal a operar como uma seção bancária. Isso significava que o estabelecimento passaria a representar oficialmente grandes bancos privados e o Banco do Brasil na cidade, que era um local muito frequentado pela elite da época. Essa loja era chamada de Casa Moreira Salles e foi o ponto de partida para o que eventualmente se transformaria no Unibanco, que viria a ser o Itaú Unibanco em 2008 (Insper, 2014).

O Itaú é considerado o maior banco da América Latina e, conseqüentemente o maior do Brasil. Porém, mesmo com toda sua robusta estrutura, o mesmo viu os impactos da pandemia em seu indicador de Basileia. De acordo com a Tabela 1, no ápice da Pandemia, o banco atingiu o menor Índice de Basileia dentre todos os outros maiores *players* de mercado, sendo seu índice 13,50% no primeiro semestre de 2020. De acordo com Montaut (2021), a queda ocorreu devido ao impacto cambial, à provisão de Juros Sobre o Capital Próprio, à distribuição de dividendos advindos do ano anterior e ao aumento de ativos ponderados pelo risco.

A Tabela 11 demonstra a situação dos indicadores relacionados ao Índice de Basileia no período de 2020 e 2021:

Tabela 11 - Composição anual Índice de Basileia do Itaú em 2020 e 2021.

	dez/20	dez/21
Patrimônio de Referência	151.310	169.797
Nível I	137.222	149.912
Capital Principal	120.026	130.716
Capital Complementar	17.196	19.196
Nível II	14.088	19.885
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	1.042.185	1.153.841
Risco de Crédito (RWACPA)	921.912	1.044.344
Risco de Mercado (RWAMPA)	92.792	86.512
Risco Operacional (RWAOPA)	27.481	22.985
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	11,5	11,3
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	13,2	13,0
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	14,5	14,7

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

Após um início de pandemia marcado por incertezas econômicas, o Itaú viu seu índice voltar aos patamares normais pré-pandemia. No ano de 2021, o banco reportou 14,7% de Basileia. Apesar de relativamente inferior à de outros *players* no mesmo período, ainda ficou 3,7 p.p. acima do mínimo regulatório exigido pelo BCB em 11,0%. Ainda, a variação desse índice no período foi compensado positivamente pelo crescimento da carteira de crédito (Itaú, 2021).

Em 2021, o Itaú teve sua carteira de crédito expandida em mais de R\$ 158 bilhões em relação a 2020, alcançado a marca de R\$ 1,027 trilhão de carteira de crédito (Itaú, 2021). Com isso, seu Risco de Crédito seguiu na mesma frequência do aumento da carteira, fazendo com que seu Índice de Basileia não sofresse grandes variações. A breve variação em 0,02 p.p. se justifica pelas variações sinérgicas entre Patrimônio de Referência e seus Ativos Ponderados pelo Risco. Para Fanger (2006), a performance dos ativos desempenha um papel fundamental na previsão dos resultados futuros e, conseqüentemente, na capacidade de aumentar ou reduzir o capital. As carteiras de empréstimos geralmente representam a maior parte dos ativos de um banco.

A Tabela 12 a seguir, mostra o comportamento do Índice de Basileia do Itaú em períodos de pandemia, quando considerada controlada:

Tabela 12 - Composição anual Índice de Basileia do Itaú em 2021 e 2022.

	dez/21	dez/22
Patrimônio de Referência	169.797	185.415
Nível I	149.912	166.868
Capital Principal	130.716	147.781
Capital Complementar	19.196	19.087
Nível II	19.885	18.547
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	1.153.841	1.238.582
Risco de Crédito (RWACPA)	1.044.344	1.118.752
Risco de Mercado (RWAMPA)	86.512	96.590
Risco Operacional (RWAOPA)	22.985	23.240
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	11,3	11,9
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	13,0	13,5
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	14,7	15,0

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

Em 2022, o Índice de Basileia do Itaú atingiu 15,0%, um aumento de 0,3 p.p. em relação a 2021. Segundo o banco, o principal efeito foi o resultado do período, compensado parcialmente pelo Aumento dos Ativos Ponderados pelo Risco (RWA) e pelos ajustes prudenciais e patrimoniais (Itaú, 2022).

Nesse mesmo ano viu-se as taxas de juros do país alcançarem patamares acima dos últimos anos, alcançado o ápice em agosto de 2022, quando a taxa atingiu 13,75% (Banco Central do Brasil, 2022). Segundo Silva (2009), foi identificada uma relação positiva entre as taxas de juros e a disponibilidade de recursos financeiros dos bancos. Isso se deve ao fato de que o aumento das taxas de juros incentiva a poupança, levando a um aumento na liquidez dos bancos.

A Tabela 13 a seguir, demonstra como o Índice de Basileia do Itaú terminou no ano de 2023, período no qual o mundo já praticamente não vivia mais a crise da COVID-19:

Tabela 13 - Composição anual Índice de Basileia do Itaú em 2022 e 2023.

	dez/22	dez/23
Patrimônio de Referência	185.415	206.862
Nível I	166.868	185.141
Capital Principal	147.781	166.389
Capital Complementar	19.087	18.752
Nível II	18.547	21.721
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	1.238.582	1.215.019
Risco de Crédito (RWACPA)	1.118.752	1.068.746
Risco de Mercado (RWAMPA)	96.590	103.094
Risco Operacional (RWAOPA)	23.240	43.179
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	11,9	13,7
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	13,5	15,2
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	15,0	17,0

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

Em 2023, de acordo com a Tabela 13, o Itaú viu seu índice atingir o maior patamar dos últimos anos, 17,0%, um aumento de 13% em relação a 2022, devido ao resultado do período e redução do Ativos Ponderados pelo Risco. Ainda no RWA, destaca-se a redução do componente de crédito devido à entrada em vigor da Resolução do Banco Central do Brasil nº 229 e Resolução BCB nº 303, com a evolução dos modelos internos do Banco (Itaú, 2023).

Assim como o Bradesco, também um banco privado, o Itaú viu seus Ativos Ponderados pelo Risco (RWA) diminuírem, amparados principalmente pelo Risco de Crédito, sendo essa a principal causa para ao aumento no Índice de Basileia no Banco, aliado ao aumento do Patrimônio de Referência. Tavares (2004) afirma que as métricas de Risco de Crédito e a avaliação do capital econômico normalmente não são incluídas nas demonstrações contábeis pois refletem possíveis perdas. Apesar disso, esses elementos podem surgir e afetar a saúde financeira de uma instituição bancária. Portanto, esses são dados cruciais para orientar as decisões tanto dos gestores internos quanto para os usuários externos das informações contábeis.

4.5 Santander

Fundado em 1857 em Santander, Cantábria, no norte da Espanha, durante o reinado de Isabel II, o Banco Santander se expandiu para uma atuação nacional após os anos 1930, período marcado pela Guerra Civil Espanhola. Após consolidar sua posição na Espanha através de aquisições, o banco começou a explorar mercados internacionais, principalmente no Brasil, onde iniciou seus negócios no início da década de 90 (Videira, 2006).

O Santander Brasil possui uma carteira de clientes mais enxuta quando comparado aos outros grandes *players* do Mercado Nacional, devido ao tempo de nacionalização do Banco. Assim como Bradesco e Itaú, o Santander, de acordo com a Tabela 1, manteve seu Índice de Basileia pré-pandemia em 15,04%, porém, se encontrava bem abaixo dos Bancos Públicos.

A Tabela 14 a seguir mostra como foi o comportamento do Basileia do Santander nos anos de 2020 e 2021:

Tabela 14 - Composição anual Índice de Basileia do Santander em 2020 e 2021.

	dez/20	dez/21
Patrimônio de Referência	84.126	89.561
Nível I	77.572	76.970
Capital Principal	71.006	69.920
Capital Complementar	6.565	7.050
Nível II	6.554	12.591
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	551.569	600.741
Risco de Crédito (RWACPA)	478.304	527.119
Risco de Mercado (RWAMPA)	15.846	15.122
Risco Operacional (RWAOPA)	57.419	58.500
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	12,9	11,6
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	14,1	12,8
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	15,3	14,9

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

Em 2021, período pós-crise pandêmica, o banco viu seu índice atingir 14,9%, observando uma queda de 0,4 p.p. frente ao ano de 2020. Essa queda é explicada pelo aumento de 8,9% dos Ativos Ponderados pelo Risco (RWA), em destaque para a parcela do Risco de Crédito. Contudo, observa-se que o impacto foi suavizado pelo crescimento de 6,5% do Patrimônio de Referência, em razão de lucros retidos no período (Santander, 2021).

A Tabela 14 demonstra que o Risco de Crédito, amparado pelo aumento na Carteira de Crédito em aproximadamente 12% (Santander, 2021), foi o principal fomentador da queda do Índice de Basileia do Banco no fim de 2021, ano no qual considerou-se a pandemia como parcialmente controlada.

A seguir, a Tabela 15 demonstra o comportamento do Basileia do banco nos anos de 2021 e 2022:

Tabela 15 - Composição anual Índice de Basileia do Santander em 2021 e 2022.

	dez/21	dez/22
Patrimônio de Referência	89.561	89.053
Nível I	76.970	75.944
Capital Principal	69.920	69.229
Capital Complementar	7.050	6.715
Nível II	12.591	13.110
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	600.741	638.636
Risco de Crédito (RWACPA)	527.119	559.231
Risco de Mercado (RWAMPA)	15.122	19.332
Risco Operacional (RWAOPA)	58.500	60.073
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	11,6	10,8
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	12,8	11,9
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	14,9	13,9

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

O Índice de Basileia do Santander em 2022, período este já considerado como o ano da recuperação da crise da COVID-19, atingiu 13,9% de acordo com a Tabela 15, uma queda de 1,0 p.p. em comparação ao mesmo período em 2021. Essa queda é amparada pelo aumento de 6,3% nos Ativos Ponderados pelo Risco (RWA), com destaque para o Risco de Crédito. Ressalta-se também a queda expressiva de 21,1% em relação a 2021 no lucro líquido do banco, afetando assim a evolução do Patrimônio de Referência da Instituição (Santander, 2022).

Segundo o próprio Santander, houve um expressivo aumento de 72% nas perdas por inadimplência nesse período. Para Barros (2007), quando um banco concede um "crédito" a um cliente, mesmo adotando todas as precauções possíveis, existe sempre o risco de que o tomador não consiga efetuar o pagamento da dívida no prazo estabelecido, resultando em um risco de crédito.

A Tabela 16 a seguir demonstra como o Santander fechou seu Índice Basileia e os indicadores usados no cálculo desse índice no ano de 2023:

Tabela 16 - Composição anual Índice de Basileia Santander em 2022 e 2023.

	dez/22	dez/23
Patrimônio de Referência	89.053	94.903
Nível I	75.944	81.259
Capital Principal	69.229	75.043
Capital Complementar	6.715	6.216
Nível II	13.110	13.644
Ativos Ponderados pelo Risco (RWA)	638.636	654.275
Risco de Crédito (RWACPA)	559.231	560.781
Risco de Mercado (RWAMPA)	19.332	33.003
Risco Operacional (RWAOPA)	60.073	60.491
Índice de Capital Principal (CP / RWA) - (%)	10,8	11,5
Índice de Capital Nível I (Nível I / RWA) - (%)	11,9	12,4
Índice de Basileia (PR/RWA) - (%)	13,9	14,5

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base nas informações divulgadas nas demonstrações financeiras anuais de 2020 a 2023 reportadas pela instituição analisada.

De acordo com a Tabela 16, em 2023, o Índice de Basileia atingiu 14,5%, representando um aumento de 0,6 p.p. no ano a ano, devido ao aumento do Patrimônio de Referência em 6,6%. No entanto, os Ativos Ponderados pelo Risco (RWA) não majorou na mesma proporção, fazendo com o que o banco voltasse seu índice a patamares mais próximos do que costumava ser. Cabe destacar que o Risco de Crédito se manteve estável, apesar do aumento de 9,5% na carteira de crédito, devido à estratégia executada pela instituição para controlar a inadimplência em tempos de alta taxa de juros, que variou em apenas 5,3% frente a 2022 (Santander, 2023).

Adicionalmente aos fatores macroeconômicos, é crucial incluir a análise da estrutura da carteira de crédito das instituições financeiras ao examinar as flutuações dinâmicas do risco de crédito, visto que tais variações influenciam diretamente os níveis de inadimplência (Dantas *et al.*, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou a recuperação e/ou retorno à normalidade do Índice de Basileia e do Risco de Crédito de cinco instituições financeiras, a partir de uma análise comparativa entre as demonstrações contábeis reportadas anualmente no período pós-pandemia, de 2021 a 2023. As Instituições Financeiras analisadas foram as cinco maiores do país: Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Itaú e Santander.

O Índice de Basileia reflete a saúde financeira dos bancos, sendo crucial para avaliar sua capacidade de enfrentar desafios econômicos. Sendo assim, analisar esse indicador no período em questão fez jus à sua importância para um sistema financeiro sólido.

Após inserir os dados coletados em tabelas e analisar os relatórios anuais, nota-se que no período analisado de 2021 a 2023, todas as instituições financeiras sofreram queda no seu indicador quando comparado ao início da crise. A exceção a esse fenômeno foi o Itaú, que conseguiu majorar seu indicador em 2023 acima do período pré-pandêmico. O destaque ficou para as instituições públicas Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal que, apesar de atingirem altos picos de Índice de Basileia no ano de 2020, tiveram quedas bruscas de variação no período compreendido entre 2021 e 2023.

Após a coleta de dados e análise dos relatórios financeiros anuais das instituições, constatou-se que, apesar das quedas no Índice de Basileia no período pós-COVID-19, as instituições financeiras analisadas mantiveram seus indicadores acima do mínimo estipulado pelo Banco Central do Brasil (BCB). Já as quedas observadas nos Índices de Basileia foram fomentadas principalmente pelas políticas expansionistas do Banco Central, como a queda na taxa de juros, a injeção de liquidez na economia e outras que facilitaram o acesso ao crédito. Tais políticas resultaram em carteiras de crédito infladas nas instituições, aumentando assim seu Risco de Crédito, pelo fato de que o Patrimônio de Referência não conseguiu acompanhar essa explosão de crédito concedido nos últimos anos.

Logo, a presente pesquisa nos permite inferir que as políticas monetárias no período pandêmico e pós-pandêmico refletiram fortemente no Índice de Basileia das instituições analisadas. A pesquisa contribuiu para observar que uma forte expansão na concessão de crédito gera também uma grande concentração de risco de crédito, afetando significativamente o Índice de Basileia quando seu Patrimônio de Referência não anda lado a lado com essa expansão. Ainda assim, com o aprendizado em crises anteriores, e adotando padrões regulatórios mundiais como a Basileia III, as instituições financeiras brasileiras encontram-se em uma posição sólida, com boas provisões de capital e reservas de liquidez.

A pesquisa se limitou apenas na análise das cinco maiores instituições financeiras do país, não abrangendo um cenário macro de todas as outras instituições financeiras que também poderiam ter sido fonte para análise. Pela pesquisa se tratar de um período relativamente recente em nosso cenário, a busca por artigos e pesquisas se tornou limitada, visto que tais informações gerariam esclarecimentos valiosos que poderiam contribuir para a presente pesquisa.

Como sugestão para pesquisas futuras, propõe-se uma análise macro de outras instituições financeiras do país, inserindo tanto Cooperativas de Crédito quanto instituições de menor porte. Também é possível aprofundar em como as variações do Índice de Basileia podem explicar a inadimplência creditícia, levando em consideração a concessão de crédito desenfreada. E como último tópico a ser aprofundado, uma comparação da recuperação ou não desse indicador pós-COVID-19 entre instituições financeiras internacionais e brasileiras.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luis Mira. O Novo Acordo de Basileia II. **Inforbanca: O Novo Acordo de Basileia II**, v. 59, p. 5-10, 2003.

ANDRADE, Rogério Pereira De; DEOS, Simone. A trajetória do Banco do Brasil no período recente, 2001-2006: banco público ou banco estatal "privado"? **Revista de Economia Contemporânea**, v. 13, n. 1, p. 47-79, 2009.

ARAÚJO, Luiz Alberto D'Ávila; JORGE NETO, Paulo de Melo; LINHARES, Fabrício. Capital, Risco e Regulação dos Bancos no Brasil. **Pesquisa e planejamento econômico**, Fortaleza, v.38, n.3, p. 459-486, 2008.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro**. 15. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2021. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597028171/>. Acesso em: 31 out. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS (ANBIMA). **Basileia III: Novos Desafios Para a Adequação Da Regulação Bancária**. Rio de Janeiro: Sol Gráfica, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS (ANBIMA). Sistema Financeiro Nacional e Participantes do Mercado. **Material De Estudos da Certificação CPA-10**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 59, p. 11-14, 2018.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Economia Bancária**. Banco Central do Brasil, Brasília, 2022. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/relatorioeconomiabancaria/reb_2021.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Taxa de Juros Básicas - Histórico**. Banco Central do Brasil, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historicotaxasjuros>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Estabilidade Financeira**. Banco Central do Brasil, Brasília, 2023. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/recomendacoesbasileia>. Acesso em: 26 out. 2023.

BANCO DO BRASIL – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Análise de Desempenho**, 2023. Disponível em: <https://ri.bb.com.br/informacoes-financeiras/central-de-resultados/>. Acesso em: 26 fev. 2024.

BANCO DO BRASIL – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Análise de Desempenho**, 2022. Disponível em: <https://ri.bb.com.br/informacoes-financeiras/central-de-resultados/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

BANCO DO BRASIL – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Análise de Desempenho**, 2021. Disponível em: <https://ri.bb.com.br/informacoes-financeiras/central-de-resultados/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BARROS, Renato. **Análise sobre a utilização de mecanismos mitigadores do risco de crédito pelo Banco do Brasil**. 2007. 115 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Gestão de Negócios Financeiros) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Criciúma, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/14177>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BERGSON, Henri. A história da Caixa Econômica Federal do Brasil e o desenvolvimento econômico, social e político brasileiro. **Trabalhos Premiados**, p. 167-181, 2011.

BESSIS, Joel. **Risk management in banking**. 2. ed. John Wiley & Sons, Ltd., Chichester. 2002.

BRADESCO – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Relatório de Análise Econômica e Financeira**, 2021. Disponível em: <https://www.bradeskori.com.br/informacoes-ao-mercado/central-de-resultados/>. Acesso em: 29 jan. 2024.

BRADESCO – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Relatório de Análise Econômica e Financeira**, 2022. Disponível em: <https://www.bradeskori.com.br/informacoes-ao-mercado/central-de-resultados/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

BRADESCO – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Relatório de Análise Econômica e Financeira**, 2023. Disponível em:

<https://www.bradescom.com.br/informacoes-ao-mercado/central-de-resultados/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BRITO, Júnior Tavares. **O agravamento do risco de crédito devido aos problemas econômicos e sociais da COVID-19**. 2022. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, Osasco, 2022.

BRITO, Osias Santana de. **Mercado Financeiro**. 3. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2020. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788571440258/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Relatório de Análise de Desempenho**, 2021. Disponível em: <https://ri.caixa.gov.br/informacoes-financeiras/central-de-resultados/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Relatório de Análise de Desempenho**, 2022. Disponível em: <https://ri.caixa.gov.br/informacoes-financeiras/central-de-resultados/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Relatório de Análise de Desempenho**, 2023. Disponível em: <https://ri.caixa.gov.br/informacoes-financeiras/central-de-resultados/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

CALVO, Solange. **Setor Bancário Responde à Pandemia com Ações Sociais e Econômicas**, 2023. Disponível em: <https://febrabantech.febraban.org.br/temas/educacao/setor-bancario-responde-a-pandemia-com-acoes-sociais-e-economicas>. Acesso em: 20 out. 2023.

COIMBRA, Fábio. **Riscos Operacionais: estrutura para gestão em bancos**. São Paulo: Saint Paul Editora, 2007.

DANTAS, José Alves.; LUSTOSA, Paulo Roberto; MEDEIROS, Otávio Ribeiro. **Validação de modelo ampliado para estimação da discricionariedade da PCLD em bancos**. 12º Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, São Paulo, 2012.

FANGER, David. **Metodologia de Rating**, 2006. Disponível em: <http://www.moodys.com.br/brasil/pdf/BFSR-Portuguese.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2ª ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

GARCIA, Patricia de Oliveira. **Value relevance do índice de Basileia: o impacto da regulação bancária no mercado de capitais**. 2018. 99 p. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

GENIAL INVESTIMENTOS, **Bancos e gestoras restrições de lastro em LCA, LCI, LIG, CRI e CRA**, 2024. Disponível em: <https://analisa.genialinvestimentos.com.br/acoes/itau/bancos-e-gestoras-restricoes-de-lastro-em-lci-lca-lig-cri-e-cra-pelo-regulador-bom-para-assets-ruim-para-os-bancos/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HELDER, Raimundo R. **Como fazer análise documental**. Porto: Universidade de Algarve, 2006.

INSPER – INSTITUTO DE ENSINO E PESQUISA. **Os 90 anos de história do Itaú Unibanco**. Insper, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/os-90-anos-de-historia-do-itau-unibanco/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

ITAÚ – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Análise Gerencial da Operação e Demonstrações Contábeis Completas em BRGAAP**, 2021. Disponível em: <<https://www.itau.com.br/relacoes-com-investidores/resultados-e-relatorios/central-de-resultados/>>. Acesso em: 26 fev. 2024.

ITAÚ – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Análise Gerencial da Operação e Demonstrações Contábeis Completas em BRGAAP**, 2022. Disponível em: <<https://www.itau.com.br/relacoes-com-investidores/resultados-e-relatorios/central-de-resultados/>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

ITAÚ – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Análise Gerencial da Operação e Demonstrações Contábeis Completas em BRGAAP**, 2023.

Disponível em: <<https://www.itaubr.com.br/relacoes-com-investidores/resultados-e-relatorios/central-de-resultados/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

JOKIPII, Terhi; MILNE, Alistair. **Bank capital buffer and risk adjustment decisions**. *Journal of Financial Stability*, v. 7, n. 3, p. 165-178, 2011.

JORION, Philippe. **Value at risk: the new benchmark for controlling market risk**. New York: McGraw-Hill, 1997.

KLEFF, Volker.; WEBER, Martin. **How do banks determine capital? Evidence from Germany**. *German Economic Review*, v. 9, n. 3, p. 354-372, 2008.

MANDUCA, Marcos.; BALDIN, Marcelo.; ARMAND, Raphael.; FERNANDES, Sergio. **Basileia III: Principais Características E Potenciais Impactos**. Disponível em: http://portalabbcc.org.br/images/content/PwC_Basileia%20III.pdf. Acesso em: 1 nov. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MONTAUT, Raquel Reveilleau. **Os Impactos da Crise Econômica da Covid-19 sobre o Índice de Basileia dos Principais Bancos Nacionais**. 2021. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, Osasco, 2021.

PAULA, Luiz Fernando de; OREIRO, José Luis; BASILIO, Flavio Augusto Correa. **Estrutura do setor bancário e o ciclo recente de expansão do crédito: o papel dos bancos públicos federais**. *Nova Economia*, v. 23, n. 3, p. 473-520, 2013.

SANCHES, Alessandra Moura; LOPES, Aline Pinheiro Simões; PICOLO, Bruna Anvisi CARDOSO, Giovana Macena; CAMPOS, João Paulo de P.; FORTES, Antonio Donizeti SANTOS, Mariângela Martimbianco; MONTANHEIRO, Paulo Cesar; PANCINE, Luiz Fernando. **Bradesco**. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://ibict.unifeob.edu.br:8080/jspui/handle/prefix/4284>. Acesso em: 05 mar. 2024.

SANTANDER – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Apresentação de Resultados**, 2021. Disponível em: <https://www.santander.com.br/ri/resultados>. Acesso em: 07 mar. 2024.

SANTANDER – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Apresentação de Resultados**, 2022. Disponível em: <https://www.santander.com.br/ri/resultados>. Acesso em: 08 mar. 2024.

SANTANDER – DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS CONSOLIDADAS. **Documento Apresentação de Resultados**, 2023. Disponível em: <https://www.santander.com.br/ri/resultados>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SELLTIZ, Claire; JAHODA, Marie ; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 1975.

SILBER, Simão David. A Fragilidade Econômica e Financeira na Pandemia do Sars-Covid-19. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 107–115, São Paulo, 2020.

SILVA, Vinicius Oliveira. **Determinantes da liquidez bancária na economia brasileira pós-acordos da Basileia**: 1996-2009. Maringá, 2009.

TAVARES, Rosana. A evidenciação do risco de crédito e das medidas de alocação de capital pelas instituições financeiras no Brasil. *In*: 4º Congresso USP Contabilidade e Controladoria, 4., 2004, São Paulo. **Anais eletrônicos**, São Paulo: Anais USP, 2004. p. 1-16. Disponível em: https://congressousp.fipecafi.org/anais/artigos42004/an_resumo.asp?cod_trabalho=142. Acesso em: 3 out. 2024.

VIDEIRA, Sandra Lúcia. **A territorialização dos bancos estrangeiros no Brasil**: o caso da rede do Santander. 2006. 230 p. Tese (Dourado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, 2006.

VIEIRA, José Augusto Gomes.; PEREIRA, Heider Felipe Silva.; PEREIRA, Wilton Ney do Amaral. Histórico do Sistema Financeiro Nacional. **Revista Científica e-Locução**, v. 1, n. 02, 2012.

VINHADO, Fernando da Silva; BELÉM, Vinícius Cintra. Preferência pela liquidez dos bancos no Brasil: uma investigação empírica com dados em painel dinâmico. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 3, n. 2, p. 24-38, 2013.

ZONATTO, Vinícius Costa da Silva; BEUREN, Ilse Maria. Categorias de Riscos Evidenciados nos Relatórios da Administração de Empresas Brasileiras com ADRs RBGN. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 141-155, 2010.

ZUIN, Luís Fernando Soares; ZUIN, Poliana Bruno; QUEIROZ, Timóteo Ramos. Gestão, inovação e sustentabilidade nos agronegócios. *In*: ZUIN, Luís Fernando Soares; QUEIROZ, Timóteo Ramos. **Agronegócios: gestão, inovação e sustentabilidade**. Tradução. São Paulo: Saraiva, 2019.